

A DEFESA AÉREA NA ZONA DE COMBATE DE UM TEATRO DE OPERAÇÕES CONTINENTAL

Major Art (QEME)
EINAR WALTER BERG

1. Em outro artigo abordamos o problema da Defesa Aérea em um aspecto mais amplo, abarcando todo o Território Nacional. No presente artigo pretendemos analisar este importante problema no âmbito de uma Zona de Combate de um TO Continental, abrangendo grandes espaços, pobre em vias de transporte e comunicação e em recursos locais.

Segundo se ensina nas nossas escolas, neste TO as operações se caracterizariam por uma guerra de movimento a cavaleiro dos eixos, por zonas de ação largas e profundas, dispositivos com espaços vazios e flancos descobertos, freqüente deficiência de informações, logística peculiar de fluxo nem sempre contínuo.

Na Defensiva haveria conveniência na adoção de dispositivos flexíveis que pudessem evoluir consoante as atitudes do inimigo, necessidade de ocupar regiões importantes e manter outras sob vigilância (terrestre ou aérea), repousando a ação, sobretudo no acionamento de uma reserva judiciosamente dosada e localizada.

Na Ofensiva haveria oportunidade de realização de manobras amplas de cerco e destruição, necessidade de bem dosar o emprêgo das forças para evitar que a ação principal tenha seu ímpeto comprometido.

Antes de entrarmos em conjeturas sôbre a defesa aérea na zona de combate de um teatro de operações com tais características, recordemos alguns episódios ocorridos na última Grande Guerra que demonstram a relevância do problema que, em tempo de paz, é tão facilmente relegado a um segundo plano, quando não inteiramente esquecido, para não dizer ignorado.

Na campanha do Norte da África, Rommel foi detido em EL-ALAMEIN, em parte pelos densos campos de minas e, segundo Raymond Cartier, em seu livro "A 2.^a Guerra Mundial"... "Outra barreira mais eficaz é a aviação. Os alemães descobrem, pela primeira vez, o que é uma batalha contra um céu inteiramente inimigo: o tanque perde sua realza, os postos de comando, fixos ou móveis, são impiedosamente castigados"...

A operação "Market Garden", para a qual foi organizado o "Allied First Airborne Army", embora não tenha atingido seu objetivo, teve grande êxito inicial, porque, segundo o livro acima citado: "... a caça alemã é nula... a defesa antiaérea, arrasada por terrível bombardeio preliminar, está extremamente fraca. As perdas — 18 planadores, 35 aviões — são muito inferiores às previstas, e devidas quase unicamente a acidentes..." Nesta operação foram empregados 1068 aviões lotados de pára-quedistas, 478 aparelhos rebocando igual número de planadores e nuvens de caças de escolta.

Na contra-ofensiva das Ardenas, os alemães deveram seu êxito inicial, principalmente ao mau tempo reinante que impediu o emprêgo do grande poderio aéreo dos aliados. Porém, logo que as condições meteorológicas melhoraram, segundo as palavras do autor acima citado: "... a aviação cumpre seu terrível trabalho. Tapêtes de bombas caem sôbre as estradas. As retaguardas próximas ou longínquas são submetidas a incursões repetidas que quebram tôdas as comunicações do grupo de exércitos... Patton exulta: *Lovely weather for killing Germans*"...

Para salientar particularmente o papel das armas terrestres de Defesa Aérea, não esqueçamos que na 2ª Grande Guerra foram elas que destruíram mais aeronaves que a aviação de caça e que também são elas as responsáveis pela grande maioria das consideráveis perdas de aeronaves americanas no VIETNAM. Para ilustrar a importância das armas terrestres de defesa aérea em uma ofensiva, vamos transcrever um episódio ocorrido no início da invasão da França, durante a fase de consolidação de uma cabeça-de-ponte a W do MOSA, pelas tropas de Guderian. Relata Raymond Cartier em "A 2ª Guerra Mundial": "... Herdôicamente a aviação franco-britânica ataca as pontes. As formações se sucedem em ondas obstinadas, mas a FLAK (Canhões de defesa aérea) do Coronel Von Hippel conhece seu dia de glória: abate 100 aparelhos, impede qualquer bombardeio preciso..."

2. Não é preciso ter experiência de guerra; somente um pouco de imaginação e raciocínio lógico bastam para visualizar como se desenvolveriam as operações em um TO continental.

É o que pretendemos fazer agora.

Se estivermos na defensiva e atribuirmos ao atacante a superioridade em meios terrestres e aéreos, como é óbvio, mediante uma análise dos fatores em jôgo, será lícito admitirmos que o inimigo terá:

a — facilidades de penetração em nosso dispositivo defensivo, uma vez que as frentes são muito grandes e ser-nos-á impossível mobilizá-las em tôda sua extensão;

- b — facilidades para desbordar regiões defendidas, pois comuns serão as situações de flancos descobertos;
- c — facilidades para lançar tropas aeromóveis em nossa retaguarda, sobrevoando áreas apenas vigiadas e desprovidas de qualquer defesa aérea, a fim de conquistar regiões que cortem a nossa retirada;
- d — facilidades para cortar o fluxo de suprimentos pelo bombardeio aéreo interditando ou destruindo obras de arte, particularmente pontes, ao longo dos raros eixos de transporte disponíveis, que, por isto mesmo, avultam em importância.

Indubitavelmente, em tal situação, a defesa estará fadada ao fracasso, pois terá comprometida a possibilidade de realizar um movimento retrógrado em condições razoáveis e também comprometida estará sua capacidade de durar na posição, sem o fluxo contínuo de suprimentos, particularmente de C1 III e V;

- e — facilidades para assinalar e atacar com sua F Aé nossas reservas, posições de apoio de fogo, dificultando ou mesmo impedindo sua rápida intervenção onde se fizer necessário. Esta consideração cresce de importância se atentarmos para o fato de que nossas reservas já normalmente terão seus movimentos bastante restringidos pela deficiente rede rodoviária e que os meios de artilharia de campanha são insuficientes para proporcionar o apoio de fogo mínimo desejável;
- f — facilidades para realizar reconhecimentos aéreos na nossa retaguarda, desvendando nosso dispositivo, dada a insuficiência de nossos meios de defesa aérea em condições de se lhe contrapor.

Das "facilidades", ou "possibilidades do Ini", ou se quisermos: "aspectos vulneráveis da defesa", acima ordenadas pelas letras de *a* a *f*, as quatro últimas são irrefletidamente subestimadas. Não vêm elas merecendo o estudo e a atenção devidos, face ao argumento de que as forças aéreas dos países conflitantes seriam de valor relativamente pequeno. Mas é exatamente este o fato que fará com que a força que dispuser de iniciativa possa, pela concentração de seus meios, conquistar rapidamente a superioridade ou mesmo o domínio aéreo local e constituir-se no fator decisivo da batalha. Exemplo recente que ilustra esta afirmação, ocorreu na última luta entre ISRAEL e a RAU. Tropas egípcias foram desbaratadas pela força aérea, sem ao menos terem tido a oportunidade de travar combates terrestres, graças à supremacia aérea conquistada pelos israelenses em apenas horas.

Para reduzir as possibilidades de sucesso de um atacante que procure explorar as "vulnerabilidades" acima enunciadas e conside-

rando que o êxito de um "dispositivo de defesa em expectativa" (preconizado pela ECEME) reside primordialmente nas informações oportunas sôbre a orientação do esforço inimigo e na possibilidade de rápida intervenção da reserva, podemos concluir pela imperiosa adoção das seguintes medidas:

- intenso emprêgo dos meios de busca eletrônicos e de elementos terrestres infiltrados na retaguarda das linhas inimigas para compensar a impossibilidade ou dificuldade para obtê-las com meios de reconhecimento aéreo;
- proteção dos pontos sensíveis com unidades de artilharia antiaérea leve, particularmente as passagens obrigatórias para o deslocamento das reservas e das armas de apoio de fogo, e imprescindíveis para manter a continuidade do fluxo de suprimentos. Dentro da zona de ação de uma grande unidade, poderão existir outras instalações que necessitem de defesa aérea, tais como barragens e usinas, que, embora possam não ter influência direta nas operações em curso, poderão, se destruídos, ter graves reflexos nas condições de vida da região;
- aumento da capacidade de reação das unidades das armas e serviços contra ataques aéreos, pois dificilmente poder-se-á dispor das unidades de canhões automáticos antiaéreos leves, necessários para prover a proteção antiaérea em tôda a zona de ação. Esta providência proporcionaria também um substancial acréscimo à potência de fogo das unidades em primeiro escalão e ampliaria consideravelmente as possibilidades de defesa imediata contra ataques aeromóveis e de tropas irregulares inimigas, nas áreas de retaguarda;
- proteção antiaérea para os escalões de contra-ataque durante a sua execução.

Êste emprêgo da artilharia antiaérea leve não consta nos nossos regulamentos, porém o raciocínio lógico nos leva a concluir pela sua validade: é evidente que o inimigo jogará todos os meios aéreos disponíveis sôbre nosso escalão de contra-ataque logo que puder pressentir e assinalar. A fôrça de contra-ataque não poderá desfazer sua formação cerrada e se valer do recurso da dispersão, e nem mesmo poderá usar suas armas de defesa aérea, pois se o fizer, sofrerá sensível perda de impulsão, de potência de choque e de fogo. Se o raciocínio lógico não nos levasse a esta conclusão, outro argumento poderá ser apresentado: o testemunho da experiência, o depoimento de orgulhosos veteranos da arma de Blindados do Exército da REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA: "dispensamos a proteção da Art AAé Leve em tôdas as situações exceto em uma, na qual ela é imprescindível: durante a execução de ataques ou contra-

ataques quando nossas atenções são inteiramente absorvidas pelo inimigo terrestre”.

3. Consideremos agora a hipótese de estarmos conduzindo uma ofensiva, dispoño, como seria normal, de superioridade em meios aéreos e terrestres. Dada a vastidão do TO relacionado com o valor das forças aéreas em presença, é fácil deduzir como muito provável e freqüente a possibilidade de o inimigo obter a superioridade aérea local, pela concentração de seus meios. Estaria então criada, embora temporariamente, uma situação semelhante a enfrentada pelos alemães na contra-ofensiva das ARDENAS, quando as condições meteorológicas se tornaram favoráveis ao emprêgo maciço da força aérea aliada. Portanto é lícito atribuirmos ao inimigo as seguintes possibilidades:

- interromper o fluxo contínuo de suprimentos interditando ou destruindo pontos sensíveis ao longo dos eixos de progressão comprometendo a impulsão do escalão de ataque;
- causar perdas consideráveis ao atacante, que normalmente terá seus movimentos limitados aos poucos eixos sôbre os quais terá de encolunar seus meios;
- tornar impraticáveis para o atacante, a realização de operações aeromóveis visando a conquista de regiões importantes na retaguarda, com a finalidade de cortar a retirada do defensor e facilitar o prosseguimento do atacante;
- dificultar ou mesmo impedir as operações de resgate ou de suprimento pelo ar, de tropas lançadas nas áreas de retaguarda do defensor, antes de se realizar a junção.

As medidas a serem tomadas para atender ou ao menos minimizar os efeitos da concretização das possibilidades acima, deveriam proporcionar:

- proteção antiaérea para o escalão de ataque a fim de que não seja retardado em sua progressão;
- proteção antiaérea dos pontos sensíveis (pontes, passos, etc.) ao longo dos eixos de transporte e comunicação;
- proteção antiaérea para as tropas durante seus deslocamentos ao longo das poucas vias existentes;
- proteção antiaérea para as tropas que defendem uma cabeça de ponte.

4. Face à realidade de que, em qualquer situação, ofensiva ou defensiva, uma força aérea dificilmente poderá impedir que o inimigo conquiste a superioridade aérea ou mesmo o domínio aéreo, ainda

que por tempo limitado e em espaço restrito, como poderíamos atender às medidas ou requisitos propostos, para minorar os efeitos da ação da força aérea inimiga?

Parece que as soluções ao nosso alcance e, exequíveis em curto prazo, são:

- ampla dispersão dos meios, órgãos e instalações na zona de combate, de modo a ser evitada a formação de alvos compensadores para ataques aéreos realizados a grande velocidade, a médias e grandes alturas. Este procedimento exigirá do Iní o emprêgo de suas aeronaves em ataques de precisão para atingir os alvos selecionados. Os ataques de precisão, sob pena de enorme desperdício de munição, terão de ser realizados a alturas de vôo e a velocidades reduzidas dentro das possibilidades dos Can Au AAé. Segundo o testemunho de aviadores com experiência de combate, em vôo rasante a velocidades superiores a 700 km/h, é praticamente impossível distinguir e alvejar um carro de combate sôbre uma planície, mesmo havendo contraste flagrante de côres;
- as divisões deverão ter em sua organização um grupo de canhões automáticos antiaéreos com número variável de Bia com material AP ou AR para a defesa aérea de pontos sensíveis existentes em sua zona de ação (pontes, passos, pistas de aterragem, posições de bateria, etc.) se imprescindíveis para as operações. Devem dispor também de meios eletrônicos de vigilância e busca de alvos;
- integrando as Bda deverá existir no mínimo uma Bia Can Au AAé AP, para proporcionar um mínimo de proteção antiaérea aos escalões de ataque e posições de Bia da Art Cmp;
- tôdas as unidades das armas e serviços deverão ser melhor dotadas de armamento eficiente para a execução do tiro antiaéreo. As unidades do Exército da REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA, além da Metralhadora, possuem em sua dotação um canhão automático de 20mm com ótimas características para ser empregado também contra alvos aéreos, variando apenas o tipo de munição;
- tôdas as unidades deverão integrar o sistema de vigilância e alarme aéreo, na medida de suas possibilidades;
- a instrução de Def Aé deverá ser ampliada e intensificada em tôdas as unidades, devendo abranger conhecimentos sôbre camuflagem, identificação de aeronaves, tipos e táticas de ataques aéreos, sistema de vigilância e alarme e emprêgo eficiente dos meios ativos de defesa aérea.

5. Conclusões

A defesa aérea das fôrças na Zona de Combate se apoiará:

- principalmente na nossa Fôrça Aérea de Defesa Aérea;
- no emprêgo de unidades de Can Au AAé leves para a proteção antiaérea das bases de nossa FAé, das posições de bateria da Artilharia de Campanha, postos de comando, e, particularmente as tropas dos escalões de ataque durante a execução desta ação;
- no emprêgo de unidades de Can Au AAé leves para a defesa aérea de pontos sensíveis fixos de importância capital para as operações (pontes, passos, desfiladeiros, etc.);
- no amplo emprêgo das medidas e meios passivos de defesa aérea, particularmente a camuflagem e a dispersão de modo a obrigar o inimigo a realizar ataques de precisão, sob pena de grande desperdício de munição;
- no estabelecimento de um eficiente sistema de vigilância e alarme do qual tôdas as tropas deverão participar;
- numa razoável possibilidade das tropas de tôdas as armas e serviços de agirem contra ataques aéreos, quando não engajadas com o inimigo terrêstre.

